

QUINTA-FEIRA • 17 DE NOVEMBRO DE 2016

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 31223
de 17 de Novembro de 2016, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

ENTREVISTA

PE. ANTÓNIO AZEVEDO OLIVEIRA

MANUEL FARIA: O MESTRE DA "MÚSICA POPULAR E ERUDITA"

P. 4-5

COMO SÃO AS PARÓQUIAS NA TERRA DO DONALD TRUMP?



SÉRGIO TORRES

PADRE E SECRETÁRIO DA PASTORAL DIOCESANA

No passado mês de Setembro, foi publicado um livro com os resultados de uma investigação sobre a vida de 250 paróquias católicas dos Estados Unidos da América. O que caracteriza as paróquias dinâmicas? Identificaram-se quatro características comuns.

1. As paróquias dinâmicas partilham a liderança

A maioria dos párocos entrevistados (80,3%) disse que os modelos de liderança usados nas paróquias são uma das suas grandes forças. Dos entrevistados, 80% possui alguma estrutura de liderança partilhada;

não lideram sozinhos essas paróquias dinâmicas. Os benefícios são duplos. A liderança partilhada incentiva os leigos a participar no governo da paróquia, contribuindo valiosamente com as suas capacidades e perspectivas. Em segundo lugar, a liderança partilhada retira pressão ao pastor, permitindo-lhe dedicar mais tempo às tarefas pastorais essenciais e ao cuidado da sua vida pessoal. Uma grande maioria (67%) refere a participação dos leigos na liderança como um dos elementos mais valiosos da paróquia. Líderes solitários não são bem-vindos nas paróquias dinâmicas. O estilo de liderança do Papa Francisco inspira diariamente estes presbíteros.

2. As paróquias dinâmicas alimentam a maturidade espiritual e planeiam o discipulado

O crescimento espiritual dos paroquianos é, para 90% dos párocos, a força principal das paróquias. Despertar a fome espiritual dos paroquianos faz aumentar a participação dentro e fora da vida paroquial. Cerca de metade dos pastores entrevistados recorreu a programas da renovação espiritual, já existentes, para apoiar o crescimento espiritual e o compromisso dos cristãos.

3. As paróquias dinâmicas são excelentes na vivência do Domingo

Uma liturgia vibrante e acolhedora requer um planeamento com o “staff” e uma rede bem organizada de ministérios e voluntários: 76% dos entrevistados identifica este aspecto como uma força crucial das paróquias. Aqui, a música é central na vivência do dia do Senhor. Hospitalidade, acolhimento, atenção às famílias com crianças mais novas são apostas intencionais dessas comunidades. Paróquias em florescimento têm pastores que gostam de estar junto do seu povo e altamente disciplinados em reservar várias horas para a preparação das homilias.

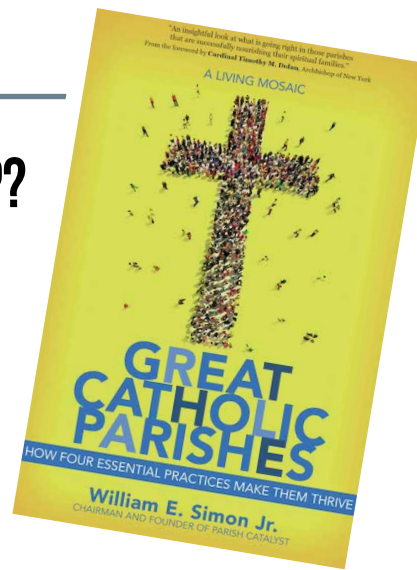
4. As paróquias dinâmicas são evangelizadoras

Neste campo, surge uma nova referência ao Papa Francisco: o

seu testemunho de liderança está a abrir novas avenidas ao nível da evangelização nas paróquias. Quase 60% dos entrevistados considera a evangelização como uma área que necessita maior atenção. Paróquias evangelizadoras criam intencionalmente uma cultura de convite atractiva e estruturada, preparam programas e serviços, eventos sociais, celebração dos sacramentos e trabalho de missão. Na perspectiva de uma Igreja em saída, uma grande parte dos párocos afirma que “o desafio mais significativo” que a Igreja enfrenta é chegar à geração dos “Millenials” (conceito da sociologia para falar dos nascidos entre 1980 e 1996, embora esta divisão possa variar entre os autores. O autor do livro, por exemplo, situa-os entre os primórdios da década de 80 e os inícios deste século).

Uma última palavra para a tecnologia. Os presbíteros reconhecem que há ainda um longo caminho a percorrer no uso das novas ferramentas digitais. “Somos suficientemente criativos para estarmos no topo das mudanças tecnológicas e do modo como as pessoas, especialmente os mais jovens, comunicam nos dias de hoje?”.

[Bibliografia: William E. Simon Jr., Great Catholic Parishes. A Living Mosaic. How four essential practices make them thrive. Visite: www.parishcatalyst.org]



PAPA FRANCISCO

@pontifex_pt

13 Novembro 2016

Se quiseres encontrar Deus, procura-o onde Ele está escondido: nos mais necessitados, nos doentes, nos famintos, nos presos.

10 Novembro 2016

Não nos esqueçamos da beleza! A humanidade tem necessidade.

D. JORGE ORTIGA

@djorgeortiga

17 Novembro 2016

A fé como acção é: amar, arriscar, investir, capitalizar, ousar,...



PAPA PEDE PERDÃO POR CATÓLICOS QUE IGNORAM OS POBRES

“Peço perdão por todas as vezes que os cristãos, perante uma pessoa pobre ou diante de uma situação de pobreza, olharam para o outro lado”, referiu Francisco na primeira audiência do Jubileu das Pessoas Socialmente Marginalizadas. O Papa falou ainda sobre a dignidade característica dos pobres e das pessoas solidárias, agradecendo o exemplo que dão. “Vamos encontrar sempre alguém mais pobre do que nós e sabermos ser solidários, ajudar o outro, dar-lhe a mão, dá-nos dignidade”, rematou.



LIBERDADE RELIGIOSA NO MUNDO VOLTOU A DIMINUIR

A liberdade religiosa diminuiu em 11 dos 23 países considerados os piores infratores, de acordo com o Relatório “A Liberdade Religiosa no Mundo”, da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre (AIS), que analisou 196 países entre Junho de 2014 e Junho deste ano. O relatório alerta ainda para aquilo que classifica de “hiper-extremismo”, que visa “eliminar todas as formas de liberdade religiosa” em prol da implementação de uma “monocultura religiosa”, verificado em países como a Síria e o Iraque.



PAPA DESAFIA IGREJA NORTE-AMERICANA A "DERRUBAR MUROS"

O Papa Francisco convidou a Igreja dos Estados Unidos da América a “derrubar muros e construir pontes”, fomentando o diálogo, numa mensagem enviada aos bispos católicos do país. “O nosso grande desafio é criar uma cultura do encontro, que encoraje cada pessoa e cada grupo a partilhar a riqueza de suas tradições e experiências”, sublinhou o Santo Padre. Francisco pede ainda ao clero estadunidense que reflecta sobre a melhor forma de responder à “crescente presença, aos dons e ao potencial da comunidade hispânica”.

OBITUÁRIO



PEDRO CRUZ

ARQUITECTO

1. Morreu o Cohen

Conheci o Cohen através do Cave cantando a “Tower of Song”. Todos os ingredientes para a construção da canção, quase superando o mestre. Morre o Cohen mas a torre mantém-se de pé. O Cave lançou o “Skeleton Tree”, outra construção em altura, estrutura da morte e estrutura da vida, esqueleto e árvore, quando perde o filho mas sempre ganha a vida. Canta com a quase doçura do Cohen. Para libertar a fúria de outrora, canta também com um bigode sério no “Grinderman”.



2. Morreu o Abrunhosa

Um bigode alegre sobre um rosto jovem. O Abrunhosa morre sem envelhecer, tomado por um enfarte súbito ao final da tarde. A alegria e a juventude não vinham dos palcos, mas da plateia e bastidor, alimentando-se da cultura e do saber, cultivando-os e dando-os aos que o rodeavam. Vivendo intensamente, classificando sempre: entre o “estupendo” e o “horroroso” – mas perdendo pouco tempo com este e difundido aquele. Oferecendo-nos os grandes discos (mais da clássica) e os grandes livros. O [meu] último, desconcertante, irritante na leitura mas intrigante na perdura, com grande marca de liberdade: o “À Espera no Centeio”, do Salinger – quiçá influenciando também o Cohen nos seus vinte anos, depois de lançado em 1951.

Nascidos no mesmo mês de Setembro de '34 (errata ao Igreja Viva de 16 de Junho de 2016; Fernando Abrunhosa de Brito, arq. 10/09/1934 – 5/11/2016; Leonard Cohen, 21/09/1934 – 7/11/2016) morrem no mesmo mês de Novembro de 2016.

Não é preciso elegermos um hino do Cohen porque ele próprio deu tal nome à canção “Anthem”:

*Ring the bells that still can ring,
Forget your perfect offering
There is a crack in everything
That is how the light gets in*
Pela nossa ferida entra a sua luz.

MATARAM A MÃE DO MUCHEM



JORGE VILAÇA

PADRE

1. Um chefe construiu uma casa. Certo dia, apareceu o muchem. Primeiro na parede, depois nos móveis... O muchem começou a destruir toda a casa. O chefe mandou chamar um sábio e perguntou-lhe: “Que tenho de fazer para salvar a minha casa?”. O sábio disse-lhe: “Deve limpar o muchem todos os dias”. E o chefe assim fez. Mas durante a noite reaparecia o muchem. Mandou então chamar o feiticeiro que fez uma poção secreta. Contudo, o muchem voltou a aparecer. Um dia, chegou um amigo. O chefe, desanimado, fez-lhe a mesma pergunta: “Amigo, que tenho de fazer para salvar a minha casa do muchem?”. “É fácil — respondeu ele — manda cavar na terra até encontrarem a mãe do muchem. Quando a encontrarem, matem-na. Todas as outras acabarão por morrer”.

2. O muchem é uma espécie de formiga, branca e pequena, muito vulgar em países africanos. É, na realidade, uma força da natureza: trabalha até ao ponto de derrubar uma casa, minando-as desde a fundação. Tem ainda outra particularidade: constrói pequenos canudos de terra dura e seca e, caminhando no seu interior, protege-se de todo o tipo de ameaças. São delas as “obras de arte” dos morros de terra vermelha que se erguem nas paisagens africanas e que fazem parte, por exemplo, da memória dos portugueses que estiveram nas antigas colónias portuguesas.

3. “E mataram a mãe do muchem” (Odilo Cougil, Beira, 1985). Este é o nome de uma peça de teatro. O tema de fundo é a história da perseguição aos primeiros cristãos e mártires do Uganda (Carlos Luanga e 21 companheiros, do final do séc. XIX). A trave mestra desta perseguição era a convicção de que se matassem as chefias religiosas (“mãe”), os cristãos (“muchem”) desapareceriam. Assim tentaram: mandaram matar a “mãe” dos cristãos, mas, para surpresa dos perseguidores, os cristãos aumentaram exponencialmente. A história confirma

que, em matéria de fé, o cristianismo (e outros credos) sobrevive à perseguição externa e até à gestão danosa das suas próprias hierarquias (e voltamos a Tertuliano: “Sangue dos mártires é semente de novos cristãos”).

4. João Alberto Patia (JAP) nasceu em 1931, em Memba, Moçambique. Casou em Ocuca, Pemba-Moçambique, e foi escolhido pela comunidade para Catequista. No tempo em que os missionários foram proibidos de ir às aldeias, JAP não parou. Já doente e sem forças para pedalar, era transportado até às comunidades de bicicleta por um amigo, para levar a cabo todos os serviços pastorais que nunca omitiu. Poucos dias antes dos missionários serem definitivamente expulsos da Missão de Ocuca, escreveu um bilhete em que dizia: “Senhor Padre, não posso ir à missão. Traga-me ao menos uns grãosinhos de Eucaristia”. Depois disso, invadiram-lhe a casa, roubaram-lhe a bicicleta, as roupas e os remédios (sofria de tuberculose, bilharziose grave e anemia). Proibiram-no de sair da aldeia e de ir tratar-se ao Hospital. A acusação: era “catequista da Missão”, “amigo dos padres” e “mobilizava os outros”. Faleceu no dia 8 de novembro de 1979. Tinha 48 anos, deixou duas filhas e um filho... e centenas de filhos espirituais. Em Ocuca ficaram a chamar-lhe São João Alberto. O pároco que conviveu com JAP, Pe. José Marques (SMBN), lutou para que fosse introduzida a causa de beatificação do JAP. Não conseguiu (deixo à imaginação por que razão os africanos têm dificuldade em caminhar para os altares oficiais). Mas o cristianismo enraizou-se e fortaleceu-se em Ocuca, até hoje, pelo testemunho deste leigo.

5. Vale a pena ser grato a tão grandes testemunhas. Vale também a pena continuar a acreditar que a fé (cristã, neste caso) é sempre muito mais que as suas estruturas. Que precisa delas, de facto, mas que sempre sobreviverá a opiniões de gestão ou às tentativas de anulação. Ainda hoje estamos a aprender que não é com a força que se destroi uma fé. O muchem não morre por se lhe matar a mãe. Nem o amor morre por deixarmos de acreditar nele. O amor não acaba nunca.



MANUEL FARIA.

MAIS QUE UM PROFESSOR, UM MESTRE, UM AMIGO



FILIPA CORREIA
TEXTO



ANA PINHEIRO
IMAGEM

O padre António Azevedo Oliveira foi aluno do cónego Manuel Faria. Com ele, mais do que aprender música, aprendeu a virtude da paciência. De aluno passou a amigo e foram inúmeras as confidências, os desabafos. No âmbito do centenário do nascimento do cónego Manuel Faria, assinalado a 18 de Novembro, o Pe. António Oliveira falou com o Igreja Viva sobre o seu mestre, aquele cuja música tinha duas influências: a popular, “que lhe estava no sangue”, e a erudita, que adicionou à primeira.

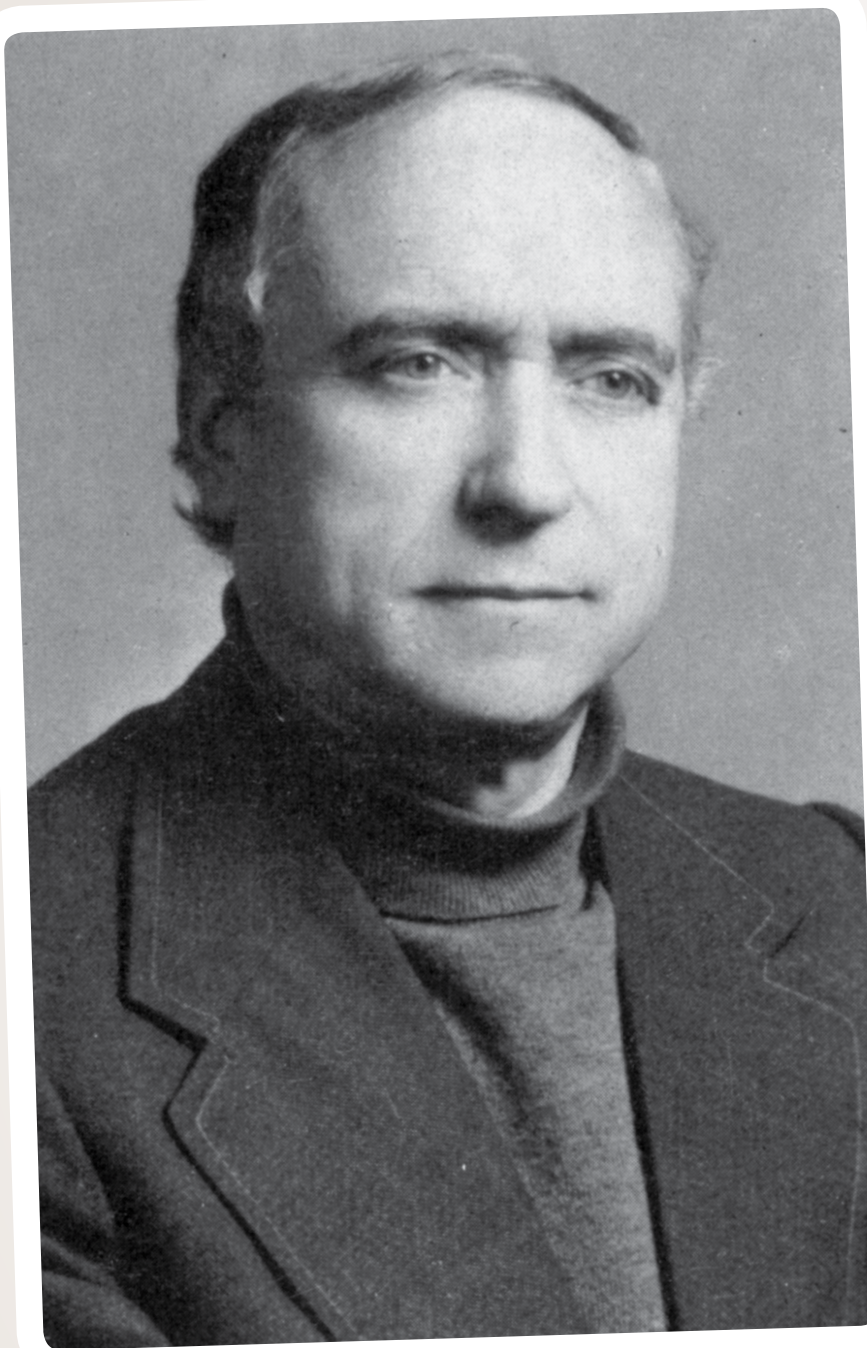
O QUE MAIS O MARCOU DO CÓNEGO MANUEL FARIA ENQUANTO PROFESSOR?

Há uma coisa que me marcou enquanto aluno, porque marcou a diferença em relação aos antecessores. Como havia muita gente no seminário, alguns professores davam-se ao luxo de desperdiçar aqueles que tinham menos aptidões e dar-lhes pouca atenção. Porquê? Porque faziam uma espécie de selecção. E outros alunos com mais aptidões, mais vontade e mais jeito, eram acompanhados com outro gosto, mas com o Dr. Manuel Faria isso não acontecia. Isso foi a primeira coisa que me marcou. Ele dava atenção a todos, e dava uma atenção especial àqueles que tinham dificuldade. Só “ligava menos” quando percebia que o

aluno não estudava. Porque para se entrar naquilo é preciso querer. E há outra coisa que admirei desde início... Ele não dedicava mais tempo a fazer avançar mais aqueles que caminhavam melhor na área da música. Não, tratava todos por igual. E marcou-me de tal forma que quando eu comecei a ser professor fiz como ele, porque entendi que a função do professor era ajudar todos, e não começar a seleccionar logo no princípio.

O QUE RECORDA TER APRENDIDO COM ELE?

O que mais aprendi nessa altura foi a ter paciência. Quando um aluno não é capaz de dizer duas notas seguidas afinadas, para quem sabe um bocado de música é irritante. Mas ele na sala de aula não se comportava como músico, mas como professor, portanto ele disfarçava essa irritação, ria-se e dizia: “Vamos lá, vamos lá outra vez”. E lá recomeçava. Outra das lições que me deu foi a paciência com que lidava com essas situações, e procurei imitá-lo nesse aspecto. Há alguns alunos meus que também me dizem, ou diziam, que admiravam a minha paciência. Mas não é natural, aprendi-a com ele. *(risos)*



COMO CARACTERIZA A MÚSICA DO SEU PROFESSOR?

O meu professor teve duas influências. Uma que lhe estava no sangue, que é a influência popular desta região, do Minho. Era um homem que tinha o canto popular minhoto no sangue, e logo nas primeiras composições que fez, não escondia o lirismo próprio, e até os ritmos, desta música minhota. Também deixou transparecer isso

em bastantes dos seus cânticos que se tornaram mais populares. Hoje há muitos cânticos por aí considerados populares, que as pessoas que os cantam não sabem que são dele. Sabem que são populares. São populares mas são dele. (...) Ele teve essa influência clara do povo e depois juntou-lhe a influência erudita. Dedicou-se a estudar as correntes modernas, mais actuais, da música chamada erudita — que muitos chamam música clássica. Frederico de Freitas a certa altura perguntou-

-lhe: “Como é que você faz umas melodias tão simples, tão cantáveis — são as tais de influência popular — mas depois compõe-lhe uma harmonia que parece reboscada?”. É uma harmonia elaborada, fruto desse avanço, desse trabalho, do estudo que ele nunca abandonou.

HÁ ALGUM EPISÓDIO, ALGUMA CONVERSA, QUE RECORDE COM ESPECIAL CARINHO?

É uma pergunta difícil, porque há muitas, muitas... E o facto de ele me sentir seu amigo, tratar-me como colega e abrir-me a intimidade de reflexões suas, levou a que tivéssemos conversas que eu nunca mais vou esquecer. Uma coisa que eu sei que o fazia sofrer imenso era assistir à degradação do canto popular litúrgico, sobretudo no período pós-Concílio. As novas tendências, as influências estrangeiras na nossa música, ou mesmo de cá. Apareceu uma nuvem de compositores... Toda a gente escrevia música. Ele teve medo desse panorama e dizia: “Isto vai ser uma selva”. Teve receio disso e não avançou como pioneiro. Avançou a passos mais cautelosos, procurou rodear-se de uma equipa. Trabalhou no avanço e na forma da música, mas sentia-se impotente. Em determinada altura ele disse-me: “Nós temos que trabalhar para isto, e tu vais estudar para continuar a escola bracarense de música sacra” — que não era uma escola de um edifício e de turmas e salas, mas era um modo de fazer que já vinha de trás. E dizia-me: “Nós precisamos de manter isto, precisamos de manter isto vivo, de contrapor esses

senhores que tentam afogar-nos com coisas medíocres, contrapor-lhes músicas de valor, com textos de valor, etc”. E foi assim que nasceu a Revista de Música Sacra. Surgiu até da sugestão de um dos colegas que disse: “Oh senhor doutor, nós se calhar fazíamos melhor em gastar as nossas energias a apresentar trabalhos alternativos, do que estar apenas a defender-nos e a atacar aquilo que está mal feito pelos outros”. “Tens razão, vamos fazer!”, disse ele. E foi assim que nasceu a revista. O entusiasmo dele na revista era por isso, para tentar restaurar a liturgia, o canto na liturgia, para a glória de Deus. Era essa a razão do sofrimento dele e foi essa a razão do nascimento da revista.

A MÚSICA SACRA ESTÁ COMO O CÓNEGO MANUEL FARIA A DEIXOU?

Parece-me que a música sacra está pior. Está pior porque continua a haver muito amadorismo. Antigamente, no seminário, alguns alunos não cantavam duas notas seguidas em condições e queriam aprender harmonia e composição. Isso, na generalidade, continua. A música exige muito, muito, muito trabalho. Não é por ser eu a dizê-lo, não é por eu o ter feito, mas eu via o que se fazia nas escolas por onde andei. E toda a gente está de acordo que a música dá muito trabalho. Quando está pronta, canta-se, toca-se e até parece fácil. Mas fazer, criar, exige muito tempo, concentração, preparação. Exige que a pessoa esteja dentro daquilo que é a liturgia e dentro daquilo que é, em primeiro lugar, a música na sua generalidade, e depois a música sacra especificamente, com

as influências que lhe são próprias, do canto gregoriano, da polifonia clássica, e também da música popular dos dias de hoje. É preciso trabalhar muito para a pessoa ter bagagem para escrever. E depois, se a pessoa escreve algo mais elaborado, para que é? É a mania de elaborar? Não. É que uma melodia simples — eu vou dizer, simplória — uma melodia imediata, as pessoas podem repeti-la logo, mas à terceira vez estão cansadas de a cantar, já não a querem, já querem mudar. Enquanto que se se for um bocadinho mais pensada, mais elaborada — não é para a tornar difícil, é para lhe pôr condimentos com sabores de hoje —, as pessoas vão saboreando cada vez melhor à medida que a cantam, e vão gostando cada vez mais, em vez de se cansar. E é esta a grande dificuldade da música de hoje, da música sacra especificamente, porque parece-me que não anda por aí gente muito capaz. Há algumas esperanças, naturalmente, e eu também espero que a Glória de Deus não seja diminuída por causa disso. Deus lá tem os seus caminhos e os homens fazem aquilo que podem, ou que os deixam fazer.

BIOGRAFIA BREVE

Manuel Ferreira de Faria nasceu a 18 de Novembro de 1916, em São Miguel de Seide (Vila Nova de Famalicão), e faleceu a 5 de Julho de 1983. Foi compositor, maestro e professor.

Estudou solfejo, harmonia, piano e órgão, no Seminário Conciliar de Braga. Licenciou-se em Roma, em canto gregoriano, pelo Pontifício Instituto de Música Sacra. Obteve o diploma de maestro em composição, no Conservatório Nacional de Lisboa.

Dedicou-se à composição sacra e profana, vocal e instrumental, e notabilizou-se como compositor de música sacra — em particular música coral.

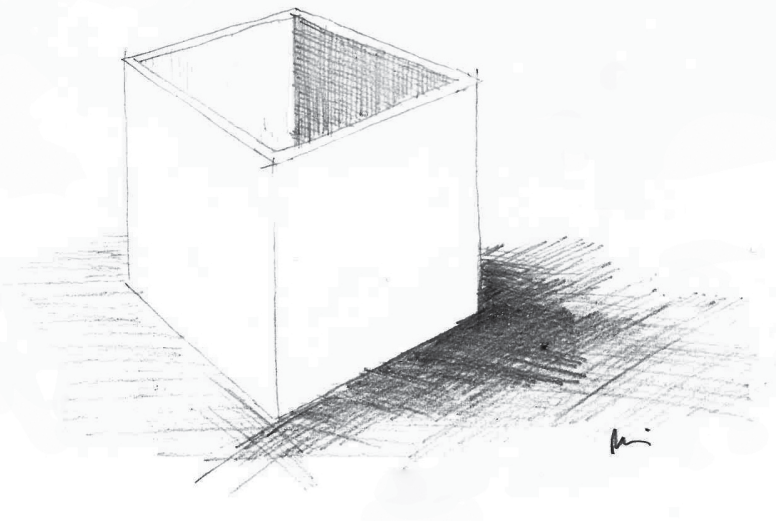
Para além de autor de inúmeras publicações em Revistas, ensaios e estudos, fez parte da Comissão Portuguesa de Música Sacra e produzia o programa semanal “Ao encontro da grande música”, emitido pela Rádio Renascença. Foi também responsável pela criação da Semana da Música Sacra, em Braga, e da Nova Revista de Música Sacra.



“VIRÁ O FILHO DO HOMEM”

I DOMINGO ADVENTO

ILUSTRAÇÃO DA ARL. MARIA TAVARES



ITINERÁRIO

ATITUDE MARIANA
Silêncio vigilante

CONCRETIZAÇÃO: A casa é elemento/espço que pode favorecer o silêncio e a atitude vigilante. Por isso, neste primeiro domingo do Advento, iniciamos a “construção da casa”, dispondo, com os materiais que julgemos mais apropriados ao meio e ao espaço, as paredes da casa como espaço reservado e a favorecer aquele silêncio vigilante.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** Vamos com alegria (Salmo do dia – refrão, primeira e segunda estrofes)
- **OFERTÓRIO:** Em silêncio...
- **COMUNHÃO:** Povos que caminhais (IC p.74))
- **FINAL:** Desça o orvalho (IC p. 50)

EUCOLOGIA

Orações próprias do I domingo do Advento (*Missal Romano*, p. 103).
Prefácio do Advento I (*Missal Romano*, p. 453).
Oração Eucarística II (*Missal Romano*, p. 524).
Bênção solene para o Tempo de Advento (*Missal Romano*, p. 553).

VIVER A ALEGRIA

Esta semana vamos apostar no silêncio vigilante, evitando conversas vazias e desnecessárias e valorizando mais a presença de Deus e dos outros.

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I IS 2, 1-5

Leitura do Livro de Isaías

Visão de Isaías, filho de Amós, acerca de Judá e de Jerusalém: Sucederá, nos dias que hão-de vir, que o monte do templo do Senhor se há-de erguer no cimo das montanhas e se elevará no alto das colinas. Ali afluirão todas as nações e muitos povos acorrerão, dizendo: “Vinde, subamos ao monte do Senhor, ao templo do Deus de Jacob. Ele nos ensinará os seus caminhos e nós andaremos pelas suas veredas. De Sião há-de vir a lei e de Jerusalém a palavra do Senhor”. Ele será juiz no meio das nações e árbitro de povos sem número. Converterão as espadas em relhas de arado e as lanças em foices. Não levantará a espada nação contra nação, nem mais se hão-de preparar para a guerra. Vinde, ó casa de Jacob, caminhemos à luz do Senhor.

SALMO RESPONSORIAL SALMO 121 (122), 1-2.4-5.6-7.8-9 (R. CF. 1)

**Refrão: Vamos com alegria
para a casa do Senhor.**

LEITURA II ROM 13, 11-14

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos

Irmãos: Vós sabeis em que tempo estamos: Chegou a hora de nos levantarmos do sono, porque a salvação está agora mais perto de nós do que quando abraçámos a fé. A noite vai adiantada e o dia está próximo. Abandonemos as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz. Andemos dignamente, como em pleno dia, evitando comezainas e excessos de bebida, as devassidões e libertinagens, as discórdias e ciúmes; não vos preocupeis com a natureza carnal para satisfazer os seus apetites, mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo.

EVANGELHO MT 24, 37-44

Evangelho de Nosso Senhor Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Como aconteceu nos dias de Noé, assim sucederá na vinda do Filho do homem. Nos dias que precederam o dilúvio, comiam e bebiam, casavam e davam em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca; e não deram por nada, até que veio o dilúvio, que a todos levou. Assim será também na vinda do Filho do homem. Então, de dois que estiverem no campo, um será tomado e outro deixado; de duas mulheres que estiverem a moer com a mó, uma será tomada e outra deixada. Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor. Compreendei isto: se o dono da casa soubesse a que horas da noite viria o ladrão, estaria vigilante e não deixaria arrombar a sua casa. Por isso, estai vós também preparados, porque na hora em que menos pensais, virá o Filho do homem”.



REFLEXÃO

Entre nós, os dias diminuem, a luz é menos intensa, o frio aumenta, e, com tudo isto, até se ressentir o nosso ânimo. Ora, a palavra de Deus provoca um autêntico sobressalto nesta melancolia! Início do ano litúrgico (Ano A), Primeiro Domingo de Advento, “caminhemos” (primeira leitura), “vamos com alegria” (salmo), “chegou a hora de nos levantarmos do sono” (segunda leitura), “vigiai” (evangelho)! O profeta Isaías toma-nos pela mão, para nos acompanhar nas quatro etapas em direção ao Natal. Hoje, quer reavivar a nossa esperança: a promessa vai realizar-se, a paz há-de chegar a Jerusalém. É preciso, por isso, estar preparado para o dia da salvação, diz Paulo. E Jesus Cristo, o próprio, convida-nos a vigiar, a desejar a sua vinda ao nosso coração, à nossa vida.

“Virá o Filho do homem”

O fragmento do evangelho proposto para o Primeiro Domingo de Advento dá o tom, não só ao tempo litúrgico, mas também a toda a nossa vida cristã. Pode ser dividido em duas partes. A primeira procura uma imagem que dê a entender como será o regresso glorioso de Jesus Cristo, no final dos tempos. A segunda é uma exortação à vigilância, com destaque para a surpresa do acontecimento que nos pode apanhar desprevenidos. Porquê a alusão aos “dias de Noé”? Talvez para dizer que os seus contemporâneos tiveram muito tempo (a arca demorou 120 anos a ser concluída!) para perceber os “sinais dos tempos”. Contudo, mergulhados na procura dos prazeres imediatos, não “viram” o que estava a acontecer, nem mudaram a maneira de viver. E hoje, como seria?

A expressão “virá o Filho do homem” é utilizada por Jesus para falar de si e em relação ao momento da sua vinda. Insiste, para dizer que não há previsão ou estatística que possa antecipar essa “hora”. E não remete para a passividade, nem apenas para o futuro. Mas para a actividade e o presente. Jesus propõe que cada um assuma a sua existência. Estar preparado é, portanto, a única atitude. Estar preparado significa estar aí, todo inteiro, estar presente e vigilante. Esta vigilância interior é um grande dom: abre ao silêncio activo, à espera contemplativa, sem inquietação ou intranquilidade. Estar presente à vida e ao que nela acontece é a melhor maneira de preparar a vinda do “Filho do homem”.

Silêncio vigilante

O Advento, que evoca o passado (veio) e abre ao futuro (virá), é ocasião para habitar o presente (vem), viver com plena consciência o quotidiano. É tempo litúrgico, mas tem de ser também uma maneira de estar na vida. É oportunidade para crescer na esperança e acolher Deus, em silêncio vigilante. “O modelo desta atitude espiritual, deste modo de ser e de caminhar na vida, é a Virgem Maria. Uma simples jovem de aldeia, que tem no coração toda a esperança de Deus! No seu seio, a esperança de Deus assumiu a carne, fez-se homem, fez-se história: Jesus Cristo. [...] Deixemo-nos guiar por ela, que é mãe, é mãe e sabe guiar-nos. Deixemo-nos orientar por Ela neste tempo de espera e de vigilância laboriosa” (Francisco, *Angelus*, 1 de dezembro de 2013).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTOS CELEBRATIVOS A DESTACAR

Dinâmica do Advento

- Valorizar o silêncio na preparação pessoal/individual que todos somos chamados a fazer nos momentos que antecedem a celebração propriamente dita.

- Início da celebração: entrada processional com cruz, velas e Evangelário e, enquanto se inicia o caminho para o presbitério, poderá cantar-se o refrão do salmo responsorial e as duas primeiras estrofes propostas no leccionário; no momento próprio do salmo responsorial cantam-se as outras duas estrofes.

Introdução à Liturgia da Palavra

Maria permanece no nosso imaginário como verdadeiro exemplo de escuta activa, vigilante. A Palavra que agora vamos escutar fala-nos de um tempo novo que exige da nossa parte atitude responsável. Desejamos estar preparados e não queremos que o sono do hábito e da rotina ofusque a vida abundante e os caminhos novos que a mesma Palavra nos comunicará; vamos acolhê-la com especial e generosa atenção.

Cuidados na proclamação da Palavra

O primeiro texto (Is 2, 1-5) comporta uma visão. Pretende-se que a leitura seja particularmente pausada, lenta. Há termos que não fazem parte do nosso vocabulário mais espontâneo. Daí a importância de serem muito bem pronunciados para que se expresse bem a sua força e intensidade: afluirão, correrão, veredas, relhas... A segunda leitura (Rom 13, 11-14) traz a proclamação de uma novidade; a boa notícia da possibilidade da verdadeira felicidade que comporta exigências; isso faz com que a proclamação tenha que assumir um misto de entusiasmo, firmeza e à vontade.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãos e irmãs: peçamos ao Pai, que está nos céus, que as próximas solenidades do Natal tragam luz e esperança ao coração de cada ser humano, dizendo (ou cantando), com toda a confiança:

- R.** Senhor, venha a nós o vosso reino.
- 1.** Pelos pastores e fiéis da santa Igreja, que com a vida e na fé procuram ser sinal da vinda próxima do Senhor, oremos.
- 2.** Pelas nações do mundo inteiro e seus governos, que fazem esforço sincero por converter as armas em instrumentos de paz, oremos.
- 3.** Por todas as Igrejas e comunidades cristãs, que se procuram revestir dos sentimentos de Jesus e buscam a reconciliação tão desejada, oremos.
- 4.** Pela nossa Arquidiocese, chamada a fazer, com Maria, a experiência do silêncio vigilante e contemplativo, capaz de gerar verdadeira abertura à vinda do Senhor, oremos.
- 5.** Pelas crianças e jovens dos grupos de catequese, a quem se procura dar a conhecer Jesus Cristo, Filho de Deus e de Maria, como Aquele que dá sentido às suas vidas, oremos.
- 6.** Pelos que nesta comunidade (paroquial), ou em qualquer outra, velam os doentes e os moribundos, sentindo a presença do Senhor, oremos.

Senhor, nosso Deus, não nos deixeis andar sonolentos no meio das injustiças deste mundo, mas dirigi o nosso coração e o nosso olhar para Aquele que nos vem trazer a paz. Por Cristo, Senhor nosso.



21 novembro 2016 | 21h00 | Auditório Vita, Braga

ENCERRAMENTO DO ANO JUBILAR DA MISERICÓRDIA

EDITORIAL
A.O.

FAMALICÃO ORGANIZA ENCONTROS BÍBLICOS

O arceprelado de Vila Nova de Famalicão está a promover dois Encontros Bíblicos subordinados à temática do Ano Pastoral, “Feliz de ti que acreditaste”, e enquadrados nos tempos litúrgicos que se aproximam — Advento e Natal. Os encontros estão marcados para os dias 21 e 22 de Novembro, às 21h15, no Centro Pastoral de Santo Adrião, em Vila Nova de Famalicão. A orientar as sessões estará o bispo de Lamego, D. António Couto. O arceprelado, em comunicado enviado, destaca a importância deste evento

para os cristãos: “Estes encontros são uma oportunidade para melhor nos prepararmos para a vivência dos tempos do Advento e do Natal que se aproximam, pois constituem um momento de especial encontro com Deus, que nos fala e Se nos revela por meio da Sua Palavra, interpelando-nos continuamente à contemplação das Suas maravilhas, para, como Maria, experimentarmos a alegria incomparável da Fé, tal como enfatiza o programa da nossa Arquidiocese de Braga para este Ano Pastoral”.



AGENDA

17.11.2016

CONFERÊNCIA "MENSAGEM DE FÁTIMA - ENTRE O TEMPO E A ETERNIDADE"

21h00 / Auditório Vita

18.11.2016

HOMENAGEM AO PE. MANUEL FARIA E PE. BENJAMIM SALGADO

15h00 / Auditório da Fundação Cupertino Miranda (V. N. Famalicão)

19.11.2016

HOMENAGEM AO PE. MANUEL FARIA E PE. BENJAMIM SALGADO

15h00 / Seminário Menor

CINEMA "O ESCAFANDRO E A BORBOLETA"

20h45 / CESM (Centro Espírito Santo e Missão) — Barcelos

FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, D. Francisco Senra Coelho, Bispo Auxiliar de Braga.



LEITOR DE CÓDIGO

Fale connosco no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

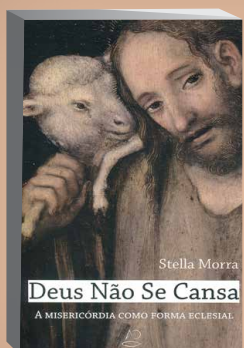
Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago Freitas, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

Recoleção do Clero

Faz
Sentido
ARQUIDIOCESE DE BRAGA

22 NOV. 2016 Seminário Conciliar

PROGRAMA | 9.30 LAUDES | 10.00 CONFERÊNCIA | ADORAÇÃO | PLENÁRIO

STELLA
MORRADEUS NÃO
SE CANSA

A autora do livro, Stella Morra, socióloga e teóloga, propõe novas categorias e novas formas de viver como cristão nos dias de hoje. A misericórdia é o tema central da sua abordagem, uma vez que a encara como “uma forma da fé da Igreja”. “Neste momento histórico, ela [a misericórdia] é colocada diante de nós, não tanto como uma virtude individual ou uma questão espiritual, mas como um possível lugar de visibilidade da experiência cristã e do seu ser vivível”, explica Stella Morra.

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 17 a 24 de Novembro de 2016.

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO

PVP
14 €10%
Desconto